

O FEMININO E A FORMAÇÃO INTEGRAL EM ROUSSEAU E WOLLSTONECRAFT

ALESSANDRA CARVALHO ABRAHÃO SALLUM¹

RESUMO

Neste artigo, extrato do estudo em andamento no MPET do IFTM Uberaba, realizou-se pesquisa bibliográfica, qualitativa, baseada nas obras *Emílio*, de Rousseau, e *Reivindicação pelos Direitos da Mulher*, de Wollstonecraft. **Objetivo geral:** desenvolver a ideia de formação integral e educação feminina no pensamento de ambos, observando convergências e distanciamentos. **Objetivos específicos:** historicizar o ideário educacional destes autores; observar a contribuição de seus textos para o desenvolvimento da formação integral; expor suas ideias acerca do lugar ocupado pela mulher no contexto da educação. **Questão fundamental:** como as obras de Rousseau e Wollstonecraft podem ter contribuído para o desenvolvimento do conceito de formação humana integral? **Perguntas de pesquisa:** quais aproximações e distanciamentos são notados entre os pensamentos destes autores ao confrontar suas propostas educacionais? Como se delineou a alteridade do feminino no legado humanista para a formação integral? A escassez de trabalhos nas bases de dados ao cruzarmos os descritores Rousseau, Wollstonecraft, educação feminina e formação integral justifica a necessidade de se enveredar neste campo de pesquisa. Compreendemos que uma educação que se proponha a ser integral, visando a formação para a vida precisa necessariamente passar pela inclusão das mulheres como cidadãos participantes desse campo de debates políticos que é a escola. Rousseau vislumbrou esse processo, fazendo uma marcante diferenciação entre os gêneros. Wollstonecraft, sua leitora e crítica efusiva, compreendeu que mulheres precisam das mesmas oportunidades para contribuir de forma contumaz com a sociedade. Ademais, ela propunha uma educação promotora da integração e preparo físico, intelectual e afetivo dos alunos.

Palavras-chave: Rousseau, Wollstonecraft, formação integral, educação feminina.

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberaba - IFTM, alessandrapsicologa@gmail.com

Este artigo é um extrato do estudo em andamento, no Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do IFTM, Campus Uberaba, sob orientação do professor Doutor Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes.

INTRODUÇÃO

A condição humana encontra-se alicerçada na forma como se estabelecem nossas relações sociais, embebidas pelo caldo cultural em que cada geração está mergulhada. O humano, como animal racional, segundo Saviani (2007, p. 154) tem sua própria existência e processo formativo intrincados, a partir da educação e trabalho. A humanidade aprende a se produzir desde o nascimento, porquanto a natureza oferece os meios, mas não garante a manutenção dos seres, fazendo da educação um elemento que coincide com a origem da própria humanidade. Em complemento ao que postula este autor, pode-se pensar que a importância histórica das figuras femininas foi relegada a uma posição de docilidade e submissão pela centralidade excessiva que as sociedades ocidentais atribuem ao masculino e seus pensamentos.

Somos gerados e nascemos de corpos de mulheres que pensam, sentem, mas são, em muitos casos, silenciadas pela distinção de gêneros historicamente estabelecida. Rovere (2019, p. 14) lembra que “[...] Quanto à diferença sexual, é claro que ela existe, mas diz respeito apenas aos órgãos reprodutores; quanto ao resto – como criatura de Deus, como ser da razão, como sujeito de virtude – homem e mulher não diferem em nada”. Olympe de Gouges (2019, p. 254), que redigiu a **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã**, lembra a rainha Maria Antonieta da França que “[...] Essa revolução acontecerá quando todas as mulheres tiverem consciência de seus destinos deploráveis, e dos direitos que elas perderam na sociedade”.

Compreendendo que a tarefa de formar subjetividades sempre foi bastante desafiadora, tendemos a buscar normas gerais de conduta, manuais que sirvam como farol, para a complexa atividade de fazer de cada indivíduo um ser humano, correndo o risco de enviesamentos culturais de nosso tempo. Iaconelli (2019, p. 9) pondera que “no que tange a criação de humanos, manuais só servem para fazer crer que há fórmulas prontas e a experiência prova que não”. De qualquer maneira, apesar de reconhecer que a beleza do processo de formação humana está na compreensão das singularidades, das subjetividades, manuais produzidos trazem em si a esperança de toda uma época. Adequados ou não, precisamos compreendê-los em seu contexto sócio-histórico, com vistas a encontrar a maneira como a formação integral dos sujeitos e a educação feminina foram tratadas naquele período.

Engels (1979, apud LAKATOS, 2003, p.103) diz que “para a dialética não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade

de todas as coisas e em todas as coisas e, para ela, nada existe além do processo ininterrupto do devir e do transitório". Com isso em mente, contemplamos o vicejar formação integral e do papel feminino nas obras produzidas durante o período da revolução francesa, quando valores como liberdade e igualdade pautavam as discussões. Era possível contemplar o germe desta proposta educacional nos escritos do período em questão.

Destarte, este artigo é um extrato do estudo em processo de realização, no mestrado profissional em educação tecnológica, focando nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), inovação tecnológica e mudanças educacionais (linha II). Além de trazer à tona textos de importantes autores clássicos, pretende-se aqui contemplar as bases da educação tecnológica, no final do século XVIII e início do século XIX. Inovações tecnológicas e mudanças educacionais, ao longo da história, foram a mola propulsora de grande desenvolvimento da sociedade. Contudo, usadas de forma desordenada ou mal direcionada, propiciaram severas desigualdades. Educação e trabalho são libertadores, entretanto, a serviço de sistemas nefastos, reificam o sujeito.

Da mesma forma como homem, educação e trabalho estão intimamente relacionados, não podemos estudar essa tríade sem nos aprofundarmos na liberdade e na subjetividade humanas. Este conjunto de ideias nos acompanhará durante toda a composição do trabalho final. Contemplar-se-á o pensamento rousseauiano acerca da educação e da formação integral, na obra *Emílio, ou da educação*, que será uma das bases principais deste trabalho. Mary Wollstonecraft terá sua contribuição para o contexto da formação integral explorada através da biografia, redigida por seu companheiro William Godwin, além da obra *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher*, em que a autora faz críticas e contribuições ao pensamento de Rousseau.

Infelizmente, alguns dos escritos desta autora foram lançados ao fogo por seu esposo, em sua curadoria para a escrita da biografia de Mary, por julgá-los imperfeitos em comparação ao restante da obra (GODWIN, 2005, s. p.). Talvez neles estivesse o essencial de seu pensamento, expresso em momentos de dor ou reflexão íntima. Nunca saberemos. Trabalhar-se-á, assim, com o que se tem em mãos para compreender a dimensão do pensamento de Wollstonecraft, em sua produção literária e filosófica acerca da educação feminina e da formação integral, tendo em vista que ambos propõem modelos educacionais distintos para homens e mulheres.

Abbagnano e Visalberghi asseveram que:

Rousseau reconhece uma mulher com maior intuição e sensibilidade do que o outro sexo. Mas é precisamente por esse motivo que a educação das mulheres é um tanto limitada, talvez como uma reação às mulheres do mundo, com os ares dos intelectuais, tão abundantes em seu século. As mulheres devem sujeitar sua conduta a duas regras: a da opinião pública e a do sentimento interior, entre as quais a razão servirá como árbitro. A educação das mulheres deve ter como objetivo exclusivo cultivar essas disposições. Dessa maneira, Rousseau tenta salvaguardar o tipo de relacionamento que a natureza instituiu entre os dois sexos e promover a constituição de uma família onde, perpetuamente, reina a harmonia mais afetuosa (ABBAGNANO e VISALBERGHI, 1992, p. 274, tradução nossa).

Em vários trechos de sua obra, Wollstonecraft, precursora do feminismo numa época marcada pelo patriarcado e a repressão das mulheres, questiona as ideias de Rousseau, propondo uma educação feminina mais igualitária. Frente à inquietação causada em nós e em Wollstonecraft, observa-se que Sophia, personagem da obra de Rousseau, pede uma resposta, um posicionamento ante a forma como ele determinou que se daria sua educação. Fundamentados nessa investigação, poderemos elaborar uma análise dos recursos precursores de uma educação tecnológica, propostos em *Emílio* e na reivindicação de Wollstonecraft, identificando aproximações ou distanciamentos de ambos em relação à educação feminina e à formação integral.

A justificativa para a execução desta pesquisa é sua relevância acadêmica, já que traremos à luz, a partir da tradução de sua biografia na forma de produto educacional, Mary Wollstonecraft, uma autora que produziu importantes obras no campo da Filosofia, Literatura e Educação, pouco estudada no Brasil, visto que apenas duas obras de sua autoria se encontram traduzidas para nosso idioma. Ademais, é relevante para o desenvolvimento cultural de qualquer região, estudar os autores históricos, compreendendo a maneira como suas ideias impactaram toda uma época e ecoam em alguns elementos da atualidade. O escasso número de trabalhos encontrado nas bases de dados ao cruzarmos os termos descritores Rousseau, Wollstonecraft, formação integral e educação feminina consolidam a necessidade de se enveredar por este campo de pesquisa.

Nosso objetivo geral é desenvolver a ideia de formação integral e educação feminina no pensamento de Rousseau e Wollstonecraft, observando suas convergências e distanciamentos. A partir disso, desdobramos como objetivos específicos compreender e historicizar o ideário educacional de

Rousseau e Wollstonecraft; observar a contribuição de seus textos para o desenvolvimento de uma formação integral; expor as ideias de Rousseau e Wollstonecraft acerca do lugar ocupado pela mulher no contexto da educação.

Diante dos objetivos traçados para este estudo, temos como questão fundamental: como as obras de Rousseau e Wollstonecraft podem ter contribuído para o desenvolvimento do conceito de formação humana integral? A partir dela, podemos levantar algumas perguntas de pesquisa: quais aproximações e distanciamentos podem ser notados entre os pensamentos de Rousseau e Wollstonecraft ao confrontar suas propostas educacionais? Como se delineou a alteridade do feminino no legado humanista para a formação integral?

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica sistemática integrativa, qualitativa, exploratória, tendo como bases principais a obra *Emílio, ou, da educação* de Jean Jacques Rousseau, e Mary Wollstonecraft, com sua obra *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher* e *Thoughts on the education of daughters: with reflections on female conduct, in the more important duties* (Reflexões sobre a educação das filhas: considerações da conduta feminina nos mais importantes deveres – tradução nossa), além de autores ligados à educação, trabalho, psicologia e psicanálise como referências complementares.

Se pensarmos que “para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está ‘acabada’, encontra-se sempre em vias de se transformar, desenvolver, o fim de um processo é sempre o começo de outro” (LAKATOS, 2003, p. 101) compreendemos o sentido de se estudar a relação entre dois autores que, apesar de não serem exatamente contemporâneos, estavam envolvidos no mesmo período histórico, marcado por fortes transformações sociais, revoluções políticas e de trabalho. Salta aos olhos a forma como a obra de um se relaciona dialeticamente à do outro.

A metodologia utilizada consistiu na pesquisa em diversas bases de dados (Google Acadêmico, SciELO, Banco digital brasileiro de teses e dissertações BDTD, Jstor, portal de periódicos Capes, CNN/COMUT, TDBD USP, PPGE UFRJ, BDTD UERJ, Observatório ProfEPT), utilizando doze combinações diferentes, em português e língua inglesa, dos descritores Rousseau, Wollstonecraft, formação integral, e educação feminina, visando

explorar o estado da arte das pesquisas envolvendo essa temática. A partir disso, será redigido um capítulo de revisão sistemática integrativa, explicitando as considerações acerca dos resultados encontrados. Este estudo também foi usado como base para a justificativa do trabalho e contribuirá para a escrita do referencial teórico. Delimitou-se a busca a qualquer texto incluído nas plataformas em questão, em qualquer idioma, nos últimos dez anos.

DISCUSSÃO

Ao sair da guerra dos cem anos, o absolutismo monárquico francês encontrava-se fortalecido. O modo de vida feudal, fragmentado, aos poucos era substituído pelo absolutismo político e o mercantilismo econômico, que ficou conhecido como Antigo Regime. Este foi marcado pelo crescimento das cidades e do comércio, centralização do poder na figura do rei e uma aliança entre ele e a fortalecida burguesia. Para Mello e Costa (1993, p. 58) "caracterizado por um só poder, um só exército e uma só administração, nascia na Europa o Estado moderno, cuja autoridade soberana abarcava todo o território e era obedecida por todos os seus habitantes". As palavras de Luís XIV ao Parlamento de Paris em 1766 sintetizam essa concepção: "[...] a ordem pública inteira emana de mim, e os direitos e interesses da Nação, de que se ousa fazer um corpo separado do Monarca, estão necessariamente unidos aos meus e repousam unicamente nas minhas mãos." (FREITAS, 1976, p. 22).

Diversos autores da época discorreram longos textos acerca desta temática. Muitos, tentando justificar o absolutismo, outros, questionando-o. Thomas Hobbes concebeu o homem em seu estado de natureza como um ser que teme a morte violenta, imperando uma guerra de todos contra todos (2008, p. 106-111). Neste estado, não há propriedade, mas sim disputa e desconfiança. Não havendo justiça ou injustiça, seria necessário estabelecer um poder maior que todos os homens, garantidor do cumprimento dos contratos. Deste pacto, onde antes havia o homem e a natureza, surge um terceiro elemento – o Estado. Todos os homens, neste acordo, cedem seu poder ao Estado, estabelecendo-se assim a paz e, consequentemente, o medo da morte violenta dá lugar ao medo da punição pelas leis estatais (LUCATE, 2015, p. 45).

Locke, citado por Rousseau (2014), diz: "não pode haver injúria onde não há propriedade" (ROUSSEAU, 2014, p. 87). Além disso, "O primeiro que, tendo cercado um terreno, se lembrou de dizer: isto é meu, e encontrou

peças bastantes simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil” (ROUSSEAU, 2014, p. 80). Rousseau compreendia que a vida em sociedade, onde valores do homem natural tem se perdido, pode ser um dos componentes que o levam à sua corrupção. Para ele, o homem natural é constituído por características essenciais: liberdade, igualdade e piedade. Apesar de não ter vivido para presenciar a revolução francesa, compreende-se que as ideias que defendia continham o germe do pensamento que impulsionaria tal movimento.

As transformações culturais iniciadas pelo Renascimento (1300-1550) iriam ser aprofundadas e ganhar mais consistência no século XVIII. Nesse século a burguesia conquistaria o poder político na França, refletido em uma verdadeira revolução intelectual, conhecida como Iluminismo. As doutrinas políticas, econômicas e sociais que sustentavam o absolutismo e o mercantilismo seriam radicalmente negadas. Em seu lugar, novos valores surgiriam, pregando uma sociedade fundamentada no liberalismo político e econômico. (MELLO e COSTA, 1993, p. 81)

Em meio a essa profusão de transformações sociopolíticas, um elemento salta aos olhos – a liberdade. Toda essa revolução, assim como muitas outras anteriores e posteriores, tratavam dessa mesma questão. Com a derrubada da monarquia, criou-se a ilusão de que o povo seria livre, mas o que se viu foi o poder mudando de mãos e a classe trabalhadora sendo conduzidos por novas rédeas.

O amor-próprio e a vaidade obscureceram os ideais revolucionários e isso pode ser notado no contexto educacional. Aranha (2006, p. 287) observa que o projeto de levar a educação para todos os cidadãos foi permeado pelo dualismo que antes separava nobreza e povo e agora passou a ser representado pelo binômio burguesia-povo. Sob a égide da doutrina liberal, riqueza e oportunidades são naturalmente distribuídas de forma desigual sem ferir os ideais revolucionários de igualdade.

Na sociedade da época, a piedade foi diminuída pelo amor-próprio. Com o aumento do amor de si, o homem não era mais igual aos seus semelhantes, pois pensava em beneficiar sua propriedade e poder, tonando-se ganancioso. Isso lhe consome a liberdade, visto que agora é prisioneiro desse sistema corrompido.

Eis aí o último termo da desigualdade e o ponto extremo que fecha o círculo e retorna ao ponto do qual partimos. É aqui que todos os indivíduos voltam a ser iguais porque nada são; não tendo os súditos outra lei senão a vontade do senhor, e o senhor nenhuma outra regra senão sua paixão, as noções do bem e os princípios da justiça desaparecem mais uma vez. É aqui que tudo se reduz à simples lei do mais forte e, portanto, a um novo estado de natureza diferente daquele pelo qual começamos, diferente porque um era o estado de natureza em sua pureza, enquanto este último é o fruto de um excesso de corrupção. (ROUSSEAU, 2014, p. 111)

As mulheres enfrentaram árduas lutas para tentar alcançar a igualdade de direitos e a liberdade defendidas pelos ideais revolucionários. Wollstonecraft foi uma das que, com sua obra, contribuiu para esse movimento de libertação, plantando as sementes para o futuro pensamento feminista e fomentando a compreensão de que a educação precisa ser irrestrita para homens e mulheres, tendo em vista sua formação integral, física, moral e intelectualmente. Marx (2013) parecia partilhar destas opiniões quando disse que:

[...] a jornada escolar unilateral, improdutiva e prolongada das crianças das classes mais elevadas e média aumenta inutilmente o trabalho dos professores, "enquanto ele desperdiça o tempo, a saúde e a energia das crianças de um modo não só infrutífero, como absolutamente prejudicial". Do sistema fabril, como podemos ver em detalhe na obra de Robert Owen, brota o germe da educação do futuro, que há de conjugar, para todas as crianças a partir de certa idade, o trabalho produtivo com o ensino e a ginástica, não só como forma de incrementar a produção social, mas como único método para a produção de seres humanos desenvolvidos em suas múltiplas dimensões. (MARX, 2013, p. 506-507)

Freire (1967), ao refletir sobre os métodos educacionais baseados no pensamento marxiano, pondera que a educação, não tendo apenas um viés propedêutico, mas formativo de seres humanos integrais, capazes de criar em termos intelectuais e práticos, seria preferencialmente pública, laica, gratuita e de qualidade, poderia elevar o nível da formação da classe trabalhadora, que, vivenciando as marcas da desigualdade socioeconômica, vê seus filhos, desde muito jovens, se inserirem no mundo do trabalho, seguindo com baixa escolaridade e menores possibilidades futuras, menor

liberdade. Para Freire (1967, p. 97) “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Este mesmo autor vê a educação como um processo de libertação do homem, ao passo que deixa de ser **palavresca** e se propõe a desenvolver o gosto pela pesquisa, pelo conhecimento crítico, pelo domínio da argumentação, que insere o homem verdadeiramente na vida cultural e política.

A educação necessariamente seria baseada numa relação horizontal, humilde e de simpatia entre as partes, geradora da capacidade crítica e de diálogo. Numa relação vertical entre as partes, se dá o antidiálogo, desamoroso, acrítico. “O antidiálogo não comunica, faz comunicados”. (FREIRE, 1967, p. 108). Nesse sentido, a educação precisa dialogar com os interesses femininos, enfrentando as limitações impostas culturalmente a este gênero, colocando a mulher no debate, em pé de igualdade a todos os outros atores sociais, valorizando seu pensamento e bagagem cultural. O foço histórico que alimenta a binário-generificação precisa se tornar cada vez mais estreito. Isso se dará, principalmente pela via da educação.

Conforme o sujeito se apropria de seu contexto e relações sociais, inicia-se a formação da subjetividade. Esta se refere ao processo pelo qual algo passa a constituir e pertencer ao indivíduo, de modo que tal pertencimento se torna único, singular. Dessa forma, o que é universal converte-se em único e o indivíduo passa a pertencer ao gênero humano, contribuindo com suas particularidades. O contexto histórico e sociocultural em que a pessoa se insere, juntamente com a relação dialética de objetividade e subjetividade, proporcionarão elementos para que esse alguém se desenvolva como sujeito. O homem pertence a uma sociedade cujas peculiaridades condicionam a construção dos indivíduos que dela fazem parte. A subjetividade e objetividade se constituem uma à outra, sem se confundir. (AITA, 2011)

Ao expender suas ideias, Wollstonecraft salienta a importância de “formar o coração” dos sujeitos. Isso sem dúvida relaciona-se com a noção de subjetividade que estamos explorando aqui, indo para além da formação do sujeito, abarcando a apropriação de seu ambiente e a interação com ele, de maneira igualitária entre os gêneros.

(...) A educação mais perfeita é, em minha opinião, um exercício do entendimento, calculado o melhor possível para fortalecer o corpo e formar o coração. Em outras palavras, para possibilitar ao indivíduo alcançar tais hábitos de virtude que o tornarão independente. De fato, é uma farsa

chamar de virtuoso um ser cujas virtudes não resultam do exercício de sua própria razão. Essa era a opinião de Rousseau em relação aos homens; eu a estendo às mulheres e afirmo com toda confiança que elas foram tiradas de sua esfera pelo falso refinamento, e não por um esforço para obter qualidades masculinas. Ainda assim, a homenagem régia que recebem é tão embriagadora que, até que os costumes dos tempos sejam alterados e se formem sobre princípios mais razoáveis, será impossível convencê-las de que o poder ilegítimo que obtêm ao se degradar é uma maldição e que devem retornar à natureza e à igualdade se quiserem assegurar a plácida satisfação gerada pelos afetos não sofisticados. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 42)

Considerando que as questões psíquicas permeiam o pensar e o agir, e que a ciência psicológica transita pelo campo do conhecimento como algo mutável, inacabado, entendemos que ela se encaixa perfeitamente na construção das ideias deste estudo, ao passo que abre a possibilidade de compreensão da obra em si, bem como dela enquanto parte da construção da subjetividade de seu autor. Nessa lógica, quando a educação traz para discussão determinada obra, cria um campo de trocas em que as ideias do aluno são tocadas pelo autor, sua obra e suas experiências, implícitas nesta.

Ao apresentar nossa análise acerca da educação, desvela-se uma interessante contradição. O homem é livre quando pode agir e sua vontade coincide com essa potência. Por outro lado, a sociedade tem se direcionado para um liberalismo cultural, econômico e político que se assemelha à corrupção descrita por Rousseau. Conquistamos novos mundos, já não cabemos em nosso planeta sem, todavia, nos comprometermos de forma eficaz com nossa sociedade. Criamos tecnologias análogas ao homem, mas não conhecemos o próprio homem. A tecnologia, não só instrumental, mas de ideias, interfere e modifica a sociedade e o próprio indivíduo, desde a antiguidade. Pensar em educação tecnológica e a formação integral inclui, por fim, pensar a educação como uma instância criadora da práxis, pautada na ética e valores humanitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mistério do nascer, desenvolver-se e adquirir conhecimentos que comporão nossa personalidade, sempre despertaram curiosidade. Filósofos, psicólogos, pedagogos e estudiosos de vários campos do saber desenvolveram teorias acerca dessa temática, sempre atual. Rousseau,

considerado um dos precursores da pedagogia contemporânea, nos apresenta uma proposta educacional polêmica para seu tempo. *Emílio, ou Da Educação* foi uma obra controversa, aplaudida por muitos, criticada e rechaçada por outros. *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher*, de Mary Wollstonecraft, foi recebida, em sua época, de forma semelhante e, assim como em *Emílio*, traz importantes reflexões acerca da educação.

Nos tempos de transformações em que vivemos, faz-se crucial compreender os clássicos, questionando-os para construir sínteses e novos saberes a partir de seus achados. Interessa-nos investigar qual a contribuição das ideias de Wollstonecraft para teoria educacional proposta por Rousseau para a formação integral e qual o papel relegado à mulher e ao feminino neste contexto. São indagações que buscamos responder nas próximas etapas deste estudo.

Um olhar mais aguçado sobre essas questões nos permitirá compreender as ideias dos autores através de suas obras, explorando os conceitos pedagógicos nelas contidos. Para Moura (2013, p. 707), “a possibilidade da profissionalização quando associada à educação intelectual, física e tecnológica, compreendendo-a como um germe para o futuro” forma a base para uma educação politécnica, que volta seus esforços à autonomia e à emancipação humana. Num contexto capitalista, em que a classe trabalhadora está aprisionada em determinados papéis sociais, distantes do poder político, econômico etc., torna-se de grande valor pensar em retomar ideais e modelos educacionais que promovam a perspectiva de uma sociedade mais justa e igualitária.

Consideramos que uma educação que se proponha a ser integral, visando a formação para a vida precisa necessariamente passar pela inclusão das mulheres como cidadãs participantes desse campo de debates políticos que é a escola. Rousseau vislumbrou esse processo, fazendo uma marcante diferenciação entre os gêneros. Wollstonecraft, sua leitora e crítica efusiva, compreendeu que mulheres precisam das mesmas oportunidades para contribuir de forma contumaz com a sociedade. Ademais, ela propunha uma educação promotora da integração e preparo físico, intelectual e afetivo dos alunos.

Tecnologias de informação e comunicação, além de inovações tecnológicas voltadas para a educação transcendem a compreensão corriqueira que orbita o avanço de **softwares** e **hardwares**. Elas englobam os recursos intelectuais, teóricos e relacionais, bem como seus avanços, para a construção de uma educação transformadora e verdadeiramente formadora de novos valores e culturas. É disso que se trata este estudo.

ABSTRACT

In this article, an extract from the study in progress at the MPET of the IFTM Uberaba, a bibliographical and qualitative research was carried out, based on the works *Emílio*, by Rousseau, and *Vindication of the rights of woman*, by Wollstonecraft. General objective: to develop the idea of integral formation and feminine education in the thinking of both, observing convergences and distances. Specific objectives: historicize the educational ideas of these authors; observe the contribution of their texts to the development of integral formation; expose their ideas about the place occupied by women in the context of education. Fundamental question: how can the works of Rousseau and Wollstonecraft have contributed to the development of the concept of integral human formation? Research questions: what approximations and distances are noticed among the thoughts of these authors when confronting their educational proposals? How was the alterity of the feminine delineated in the humanist legacy for integral formation? The scarcity of works in the databases when crossing the descriptors Rousseau, Wollstonecraft, female education and whole education justifies the need to embark on this field of research. We understand that an education that proposes itself to be comprehensive, aiming at training for life, must necessarily englobe the inclusion of women as citizens participating in this field of political debates that is the school. Rousseau envisioned this process, making a marked differentiation between the genres. Wollstonecraft, his effusive reader and critic, understood that women need the same opportunities to consistently contribute to society. Furthermore, she proposed an education that promotes the integration and physical, intellectual and affective preparation of students.

Keywords: Rousseau, Wollstonecraft, whole education, female education.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N.; VISALBERGHI, A. **História de la pedagogia**. Páginas 265 a 274. Madrid e México: Fondo de Cultura Económica; 1992. Disponível em: <https://www.slideshare.net/marcelak/historia-de-la-pedagogia-abbagnano-visalberghi>. Acesso em 8 abr. 2020.

AITA, E. B.; FACCI, M. G. D. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista** vol.17 n.1, Belo Horizonte, abr. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005. Acesso em: 9 set. 2018.

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia**: geral e do Brasil. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

FREITAS, G. **900 textos e documentos de História**. Vol. III. Lisboa: Plátano, 1976.

GODWIN, W. **Memoirs of the Author of a Vindication of the Rights of Woman**. Project Gutenberg eBook Memoirs of the Author, 2005. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/16199/16199-h/16199-h.htm>. Acesso em: 17 maio 2020.

HOBBS, T. **Leviatã**. Organizado por Richard Tuck. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 2 abr. 2020.

LUCATE, F. H. O contrato social em Hobbes e a permuta da liberdade natural pela segurança do estado civil. **Revista Filogenese**. Vol. 8. Marília: UNESP, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/4felipelucate.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MELLO, L. I. A.; COSTA, L. C. A. **História moderna e contemporânea**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

MOURA, D. H. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educ. Pesqui**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/10.pdf>. Acesso em 16 fev. 2020.

ROUSSEAU, J.J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou, Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROVERE, M. (Org.). **Arqueofeminismo**: mulheres filósofas e filósofos feministas. São Paulo: n-1edições, 2019.

SAVIANI, D. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em 16 mar. 2020.

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos direitos da mulher**: edição comentada do clássico feminista. Trad. Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOLLSTONECRAFT, M. **Thoughts on the education of daughters**: with reflections on female conduct, in the more important duties of life. Kindle edition, 2016.